

BOLETIM DE CONJUNTURA INDÚSTRIA METALÚRGICA – RS

N. 3 Junho 2017

1. O Brasil voltou a crescer?

O resultado do PIB trimestral divulgado pelo IBGE no dia primeiro de junho indica um crescimento de 1% do produto interno brasileiro em relação ao trimestre imediatamente anterior, o que foi divulgado pelo governo como uma provável retomada do crescimento econômico. Cabe analisar com maior ponderação quais fatores levaram a tal crescimento e se estes de fato apontam para uma retomada sustentável.

Dentre os componentes do Produto Interno Bruto (PIB), pela ótica da oferta, o principal fator que puxou positivamente os resultados industriais foi a agropecuária, que cresceu 13,4% no primeiro trimestre de 2017 em relação ao último trimestre de 2016. Os resultados favoráveis do setor agropecuário foram impulsionados pela supersafra agrícola de 2017, ante a um cenário de quebra de safra do ano anterior. A indústria permaneceu praticamente estagnada, com crescimento pífio de 0,9%, sendo puxada principalmente pela indústria extrativa, que cresceu 1,7% no período, a indústria de transformação observou um resultado positivo de 0,9%. O setor de construção ficou estagnado em 0,5%. Em relação aos serviços, houve uma variação positiva nos voltados para “produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana”, com crescimento de 3,3% e “transporte, armazenagem e correios” com crescimento de 2,8%, serviços de informação também se observou um crescimento importante de 1,6%. O comércio ficou estagnado, com variação negativa de -0,6%. O Valor Adicionado apresentou crescimento pouco significativo, na ordem de 0,9%. (TABELA 1).

TABELA 1

Taxa de variação do Produto Interno Bruto por setores e subsetores componentes da Oferta Brasil, Primeiro trimestre de 2017 contra trimestre imediatamente anterior

Setores e subsetores. Ótica da oferta	Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (Percentual)
Agropecuária - total	13,4
Indústria - total	0,9
Indústria extrativa	1,7
Indústria de transformação	0,9
Produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana	3,3
Construção	0,5
Serviços - total	0
Comércio	-0,6
Transporte, armazenagem e correio	2,8
Serviços de informação	1,6
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	-1,2
Atividades imobiliárias	0,3
Outros serviços	0,7
Administração, saúde e educação públicas e seguridade social	-0,1
Valor adicionado a preços básicos	0,9
Impostos líquidos sobre produtos	-
PIB a preços de mercado	1

Fonte: IBGE – PIB trimestral,
Elaboração: Dieese – Subseção FTM/RS-CUT

Pelo lado da demanda, as exportações foram o carro chefe que alavancou a economia, com crescimento de 4,8%, enquanto as importações cresceram 1,8%. Os demais componentes da demanda permaneceram estagnados, com tendência decrescente. As despesas das famílias diminuíram -0,1%, que são afetadas principalmente pelo alto nível de desemprego, a administração pública apresentou uma variação negativa de -0,6% e a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), indicador de investimento produtivo, decresceu -1,6% (TABELA 2).

TABELA 2

Taxa de variação do Produto Interno Bruto por setores e subsetores, componentes da demanda Brasil, Primeiro trimestre de 2017 contra trimestre imediatamente anterior

Setores e subsetores. Ótica da demanda	Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (Percentual)
Despesa de consumo das famílias	-0,1
Despesa de consumo da administração pública	-0,6
Formação bruta de capital fixo	-1,6
Exportação de bens e serviços	4,8
Importação de bens e serviços (-)	1,8

Fonte: IBGE – PIB trimestral,
Elaboração: Dieese – Subseção FTM/RS-CUT

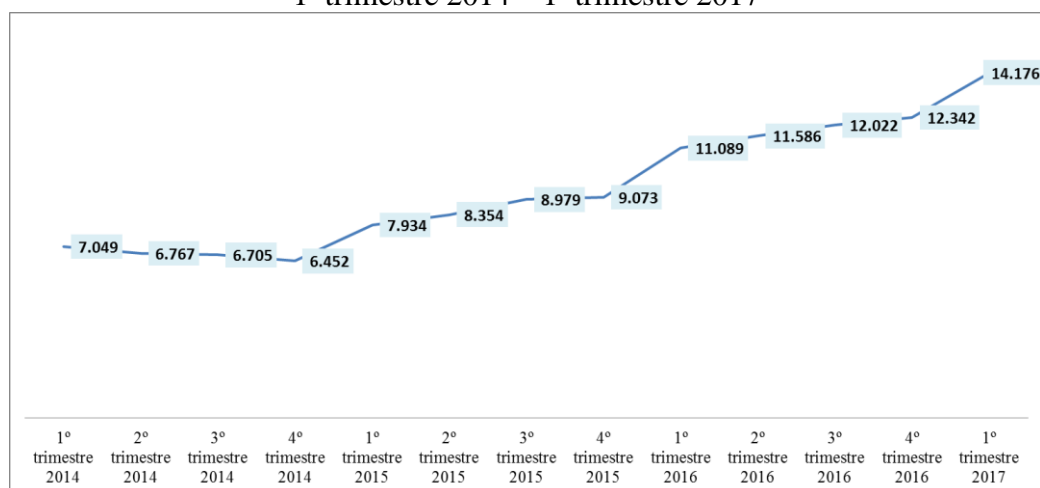
Se analisarmos os indicadores em relação ao primeiro trimestre de 2016, o total do PIB brasileiro apresentou relativa estagnação, com tendência negativa de -0,4%. O setor agrícola compensou o

fraco crescimento econômico, com crescimento robusto de 15,2% em relação ao mesmo período do ano anterior (em que houve uma quebra de safra). O setor industrial, por outro lado decresceu - 1,1%, sendo puxado negativamente pela indústria de transformação, em que se observou uma queda de -1%, a indústria extrativa, por sua vez, apresentou um crescimento robusto de 9,7%. Pelo lado da demanda destaca-se negativamente o decréscimo de -3,7% da FBCF, de -1,9% no consumo das famílias, e -1,3% nas despesas da administração pública, o único componente que apresentou crescimento no período foram as importações de bens e serviços, que cresceram 9,8%, mas que possuem impacto negativo sobre o PIB.

De maneira geral, os resultados apontam para o setor agrícola como o principal fator que impulsionou o crescimento do PIB do país no comparativo com o trimestre imediatamente anterior e não permitiu uma queda mais profunda em relação ao primeiro trimestre de 2016. O que aponta para um perfil de economia voltado para o setor externo, com exportação de produtos de baixo valor agregado e baixa geração de empregos, incorrendo em uma maior concentração de renda.

Em relação ao comportamento do desemprego, percebe-se um aumento alarmante no país, alcançando a taxa de 13,7% no primeiro trimestre do ano, o que equivale a 14.176 mil pessoas desocupadas, um crescimento de 15% em relação ao trimestre imediatamente anterior e 28% superior ao mesmo período do ano anterior (GRÁFICO 1)

GRÁFICO 1
Variação do número de trabalhadores desocupados
1º trimestre 2014 – 1º trimestre 2017



Fonte – IBGE/ PNAD Contínua
Elaboração Própria

O retorno do crescimento econômico de forma sustentável, só seria possível com a volta dos investimentos das empresas e o aumento do consumo das famílias. O cenário político e econômico, no entanto não apontam para este caminho.

2. Produção industrial segue estagnada

Os resultados da Produção Industrial Mensal, divulgados pelo IBGE no dia 02 de maio apontam para uma estagnação da produção industrial no início do ano, com variação positiva de 0,6% no comparativo com o mesmo mês do ano anterior, sendo puxado pela indústria de transformação, que cresceu 0,6%. Em relação à indústria extrativa, se observa uma retração de 1,4%. No comparativo com o mesmo mês do ano anterior, o total da indústria decresceu -4,5%, sendo puxada pela indústria extrativa, que apresentou um crescimento de 4,4%¹, já a indústria de transformação decresceu -5,7%. No acumulado do ano, o total da indústria permanece estagnado com retração de -0,7%, o resultado negativo deve-se principalmente à indústria de transformação, que apresentou decréscimo de -1,8%, a indústria extrativa, por sua vez, apresentou crescimento de 7,2%.

TABELA 3

Produção industrial mensal por seção de atividade, jan-abr 2016-2017

Seções de atividades industriais	abr2017/mar2017 (%)	abr2017/abr2016 (%)	jan-abr2017/jan-abr2016 (%)
Indústria geral	0,6	-4,5	-0,7
Indústrias extrativas	-1,4	4,4	7,2
Indústrias de transfor	0,6	-5,7	-1,8

Fonte: IBGE. Elaboração: Dieese- FTM/RS-CUT

Dentre as atividades industriais, no comparativo com o mês imediatamente anterior, os bens de capital apresentaram variação positiva de 1,5% e os bens intermediários 2,1%. A produção de bens de consumo teve uma retração de -0,4%, puxada pelos produtos semi e não duráveis (-0,8%), já os bens de consumo duráveis apresentaram crescimento de 1,9%.

Em relação ao mesmo mês do ano anterior, houve um decréscimo de 5,5% na produção de bens de capital, 3% nos bens intermediários, puxada principalmente pelas categorias do ramo da indústria da alimentação, com decréscimo de 23,1% nas atividades ligadas a produção de “Alimentos e bebidas elaboradas, destinados principalmente à indústria” e de 9,5% entre as atividades ligadas aos “Alimentos e Bebidas básicos, destinados principalmente à indústria”, houve decréscimo importante

¹ A indústria extrativa em 2016 foi impactada fortemente pelo desastre da Samarco, em Mariana.

também na categoria “Peças e Acessórios para bens de capital”, que decresceu -11,7%. Os bens de consumo apresentaram decréscimo na produção de 7,9%, puxados negativamente pelos bens de consumo semiduráveis e não duráveis (-9,8%), que sofreram efeito da retração da demanda interna. Os bens de consumo duráveis, por sua vez, apresentaram crescimento de 0,6% no período (TABELA 4).

TABELA 4
Produção industrial por categorias econômicas, Brasil (jan-abr), 2016-2017

Grandes categorias econômicas	Varição percentual abr/março 2017	Varição percentual mensal, abr2017/abr2016	Varição percentual acumulada, jan-abr2017/jan-abr 2016	Varição percentual acumulada nos últimos 12 meses (Base: últimos 12 meses anteriores) (%)
1 Bens de capital	1,5	-5,5	1,9	-1,2
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	-	-2,5	5	0,4
Equipamentos de transporte industrial	-	-11	-3,8	-4,2
2 Bens intermediários	2,1	-3	-1	-3,8
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	-	-9,5	-6	-4,5
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	-	-23,1	-12,5	-0,2
Insumos industriais básicos	-	3,2	6,6	-8,1
Insumos industriais elaborados	-	-1,1	-0,7	-2,4
Combustíveis e lubrificantes básicos	-	7,1	8,4	6,2
Combustíveis e lubrificantes elaborados - exceto gasolinas para automóvel	-	-4,2	-9	-11,7
Peças e acessórios para bens de capital	-	-11,7	-12,5	-14,3
Peças e acessórios para equipamentos de transporte	-	2,8	6,5	-0,7
3 Bens de consumo	-0,4	-7,9	-0,8	-3,7
31 Bens de consumo duráveis	1,9	0,6	8,7	-3
Bens de consumo duráveis - exceto automóveis para passageiros e equipamentos de transporte não industrial	-	-4,4	3,8	-4,6
Automóveis para passageiros	-	4,6	14	0,2
Equipamentos de transporte não industrial	-	1,3	-2	-17,2
32 Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	-0,8	-9,8	-3	-3,9
Bens de consumo semiduráveis	-	-2	5,2	0,6
Bens de consumo não duráveis	-	-10,8	-7,8	-7,9
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente ao consumo doméstico	-	-	-	-
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico	-	-10,7	-2,2	-2,7
Gasolinas para automóvel (motor spirit)	-	-14,3	-8,3	-7,2
9 Bens não especificados anteriormente	-	14,8	7	-2,4

Fonte: IBGE – Produção Industrial Mensal.
Elaboração Subseção Dieese-FTM/RS-CUT

No acumulado do ano, os bens de capital apresentaram um crescimento de 1,9%. O desempenho positivo desta categoria deve-se principalmente ao aumento da produção de “Bens de Capital

Agrícolas”, que cresceu 27,5% e “Bens de Capital Peças Agrícolas”, com crescimento de 31,5%, outro item que apresentou crescimento robusto foi os “Bens de Capital voltados para a Construção”, que apresentou crescimento de 22,8%, já os bens de capital para fins industriais decresceram -8,8% (Tabela 5). Os bens intermediários decresceram 1%, puxados negativamente pelos “Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria”, com decréscimo de -12,5% e “Peças e Acessórios para bens de capital”, com decréscimo de -12,5%. Os bens de consumo, por sua vez, decresceram -0,8%. Dentre estes, os duráveis apresentaram crescimento importante de 8,7%, sendo puxados pelo bom desempenho dos “automóveis de passageiros”, em que se observa um crescimento de 14%. Este item teve grande crescimento da demanda via exportações, acumulando uma alta de 48,6% de janeiro a abril ante o mesmo período do ano anterior. Já os bens de consumo semi e não duráveis apresentaram retração de 3%, sofrendo a diminuição da demanda doméstica.

TABELA 5
Produção industrial por segmentos dos bens de capital
Brasil (jan-abr), 2016-2017

Segmentos	abr. 2017/ mar. 2017	Acumulado jan- abr. 17/ jan. abr. 2016
Bens de Capital Para Fins Industriais	-11,5	-8,8
Bens de Capital Para Fins Industriais Seriados	-2,8	2,2
Bens de Capital Para Fins Industriais Não-Seriados	-33,2	-33,6
Bens de Capital Agrícolas	21	27,5
Bens de Capital Peças Agrícolas	16,7	31,5
Bens de Capital para Construção	14,3	22,8
Bens de Capital para o Setor de Energia Elétrica	-24,4	-14,8
Bens de Capital Equipamentos de Transporte	-8,6	-3
Bens de Capital de Uso Misto	-0,4	6,7

Fonte: IBGE – Produção Industrial Mensal.
Elaboração Subseção Dieese-FTM/RS-CUT

Os resultados da pesquisa industrial mensal indicam, portanto, que não há evidências concretas para a retomada do crescimento da produção industrial do país de maneira sustentável. O aumento da produção deveu-se principalmente à fatores sazonais, como a expectativa de super-safra agrícola, que impulsionou a produção de bens de capital agrícola e peças agrícolas, e ao aumento das exportações, beneficiada pela desvalorização da taxa de câmbio.

3. Indústria gaúcha

A indústria gaúcha apresentou retração na produção mensal em -0,8%, é o segundo mês consecutivo de queda na produção industrial do estado, em março a queda foi de -1,1%. Em relação à abril de 2016 a queda foi de -4,3%, no acumulado do ano, a indústria gaúcha permaneceu estagnada, em relação ao mesmo período do ano anterior, com variação de 0,4%. Acompanhando os indicadores da produção industrial brasileira, a tendência é de retração da produção industrial gaúcha (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2
Produção Industrial Mensal, índice base fixa (média 2002=100)



Fonte: PIM-Regional - IBGE
Elaboração: Dieese Subseção FTM-RS/CUT

Em relação aos indicadores por ramos da indústria, o metalúrgico foi o que apresentou os melhores resultados, com crescimento no comparativo do mesmo mês do ano anterior nas seções de atividade de fabricação de máquinas equipamentos: 3,5%, produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, 4,1% e metalurgia, que cresceu 3%, a única seção que apresentou queda no período foi a “fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias” que decresceu -0,8%. No acumulado do ano todas as seções de atividade pesquisadas pelo IBGE que compõe o setor metalúrgico apresentou crescimento robusto, “máquinas e equipamentos cresceu” 2,4%, “fabricação de produtos de metal, exceto máquinas equipamentos” se observou um crescimento de 6%, “fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias” cresceu 8,4% e metalurgia apresentou crescimento de 8,3%. Todas as seções de atividade metalúrgica apresentaram crescimento no

acumulado 12 meses no comparativo com o mesmo período do ano anterior, com destaque para metalurgia, que apresentou crescimento de 14,7%.

Os demais ramos da indústria apresentaram resultados menos favoráveis, puxados pela retração do consumo interno. Das seções de atividade que compõe o ramo da alimentação pesquisadas pelo IBGE, somente produtos do fumo apresentou crescimento no comparativo com o mesmo mês do ano anterior de 3,5%; “fabricação de bebidas” teve retração de -24,2% e “fabricação de produtos alimentícios” -9,8%. No acumulado do ano, porém, fabricação de bebidas permanece com crescimento positivo, de 18,9%, produtos alimentícios acumula uma retração de -4,9% e fabricação de fumo observa-se um crescimento de 1,1%. Em 12 meses, houve uma estagnação na fabricação de bebidas, enquanto produtos alimentícios e fabricação de produtos de fumo se retraíram -1,5% e 31,5%, respectivamente.

A seção “fabricação de móveis” que compõe a indústria de construção civil e madeira, apresentou variação de -4,8% no comparativo com o mesmo mês do ano anterior, -0,1% no acumulado do ano, e, em 12 meses se observa uma queda de -5,9%, refletindo o momento ruim do setor de construção e do consumo interno do país. Estes fatores também impactaram no ramo têxtil e vestuário, que decresceu -7,6% no comparativo do mesmo mês do ano anterior, no acumulado do ano, houve uma variação negativa de -2,1% e em 12 meses, houve uma queda na produção industrial de -0,2% (TABELA 6).

TABELA 6

Produção Industrial Mensal, por ramo e seção de atividade, Rio Grande do Sul, jan-abr 2016/2017

Rótulos de Linha	abr. 2017/mar. 2017	Variação percentual mensal abr17/abr16	Jan-abr 2017/ Jan-abr 2016 (%)	Variação percentual acumulada nos últimos 12 meses/ 12 meses anteriores
Indústria Geral	-0,8	-4,3	0,4	-1,5
Indústria de transformação	0	-4,3	0,4	-1,5
Alimentação				
Fabricação de bebidas	0	-24,2	18,9	0
Fabricação de produtos alimentícios	0	-9,8	-4,9	-1,5
Fabricação de produtos do fumo	0	3,5	1,1	-31,5
Construção civil e madeira				
Fabricação de móveis	0	-4,8	-0,1	-5,9
Metalúrgico				
Fabricação de máquinas e equipamentos	0	3,5	2,4	5,5
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0	4,1	6	0,4
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0	-0,8	8,4	3,3
Metalurgia	0	3	8,3	14,7
Químico				
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	0	-3,1	-10,3	5,5
Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis	0	-10,6	-14,8	-16,1
Fabricação de minerais não-metálicos	0	-10,3	-6,2	-7,9
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	0	-2,6	1,4	-3,1
Fabricação de produtos químicos	0	-1,8	0,1	-0,1
Têxtil e Vestuário				
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0	-7,6	-2,1	-0,2

Fonte: PIM-Regional - IBGE

Elaboração: Dieese Subseção FTM-RS/CUT

O ramo químico apresentou retração em todas as seções de atividade no comparativo com o mesmo mês do ano anterior, com destaque para “fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis” em que se observa uma retração de -10,6% “fabricação de minerais não-metálicos”, com retração de -10,3%, “fabricação de celulose, papel e produtos de papel” decresceu 3,1%, “fabricação de produtos de borracha e de material plástico” apresentou queda de -2,6% e “fabricação de produtos químicos” também se observou queda de -1,8%. No acumulado do ano, das cinco seções de atividade que compõe o ramo químico, somente “fabricação de produtos de borracha e de materiais plásticos” e “fabricação de produtos químicos” apresentaram crescimento de 1,4% e 0,1%. As demais seções apresentaram quedas pronunciadas, “fabricação de celulose, papel e produtos de papel” decresceu 10,3%, “fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis” apresentou queda de 14,8% e “fabricação de minerais não metálicos” decresceu -6,2%. Em 12 meses, somente fabricação de celulose, papel e produtos de papel apresentou crescimento, de 5,5%.

4. Exportações Brasil –Rio Grande do Sul

Conforme divulgado pelo governo, a balança comercial brasileira vem apresentando recordes de superávits, sendo impulsionado pela desvalorização cambial, o que é um indicador positivo, já que permite ao país acumular reservas em dólares. De janeiro a maio de 2017, o Brasil exportou R\$87,9 bilhões e importou 58,9 bilhões, levando a um saldo positivo de R\$29,024 bilhões na balança comercial. Esses resultados indicam tanto um aumento nas importações, que cresceram 19,6% em relação ao ano anterior, como também das importações, porém de forma menos intensa, apresentando um aumento de 9,4%. Os principais produtos exportados pelo Brasil no acumulado do ano foram primários e de baixa tecnologia, o principal, soja triturada, teve uma participação de 15,14%, o que representou um aumento de 21,92% em relação ao mesmo período do ano anterior; minérios de ferro e seus concentrados, com participação de 9,88%, um aumento de 96,59% em relação a 2016; óleos brutos de petróleo teve um crescimento de 135,72%; em quarto lugar permanece açúcar de cana, em bruto, com crescimento de 35,3%. Automóveis de passageiros, que corresponde a um produto de média-alta tecnologia, foi o quinto principal produto exportado, correspondendo a 3,04% do total das exportações brasileiras, com crescimento 50,92% superior ao ano anterior.

Os principais mercados exportadores brasileiros foram a China, que participa com 25,97% do total de produtos exportados, e apresentou um crescimento de 16,13% em relação ao ano anterior. A China é a principal compradora de soja (75,62%), minérios de ferro (57%), óleos brutos de petróleo

(41,93%) do Brasil. O segundo principal comprador brasileiro é os Estados Unidos, que correspondem a 25,97% do mercado consumidor externo brasileiro, e apresentou crescimento de 16,13% em relação ao ano anterior. Os Estados Unidos são o segundo principal país exportador de “óleos brutos de petróleo”, seguido da Índia; o segundo principal parceiro comercial nas exportações de celulose, seguido da China, e o primeiro país que exporta aviões, e “produtos semimanufaturados de ferro ou aço”. O terceiro país exportador brasileiro é a Argentina, com participação de 7,76%, e apresentou um aumento nas exportações em 27,48% em relação ao ano anterior, o nosso vizinho é o principal país exportador de automóveis, com participação de 70,7% do total exportado, apresentando um aumento 39,21% em relação ao ano anterior (TABELA 7).

TABELA 7

Exportações brasileiras por principais produtos e países, jan-maio 2016-2017

Descrição	2017	2016	PART.2017	PART.2016	VAR.% 2017/2016
TOTAL GERAL	87.926.304.461	73.512.843.769	-	-	19,61
1.Soja mesmo triturada	13.314.733.692	10.920.565.489	15,14	14,86	21,92
China	10.517.858.666	8.388.242.846	78,99	76,81	25,39
Espanha	490.122.732	353.105.749	3,68	3,23	38,80
Tailândia	324.161.700	269.134.115	2,43	2,46	20,45
2.Minérios de ferro e seus concentrados	8.690.224.827	4.420.522.594	9,88	6,01	96,59
China	4.716.946.035	2.308.004.719	54,28	52,21	104,37
Japão	680.579.459	377.742.775	7,83	8,55	80,17
Malásia	610.498.557	327.078.019	7,03	7,40	86,65
3.Óleos brutos de petróleo	7.233.020.728	3.068.451.399	8,23	4,17	135,72
China	3.255.295.492	1.260.093.082	45,01	41,07	158,34
Estados Unidos	1.075.975.268	300.158.481	14,88	9,78	258,47
Índia	687.742.004	186.466.012	9,51	6,08	268,83
4.Açúcar de cana, em bruto	3.222.458.236	2.381.628.240	3,66	3,24	35,30
Bangladesh	399.724.936	235.637.549	12,40	9,89	69,64
Argélia	352.613.465	237.954.045	10,94	9,99	48,19
Índia	340.333.834	170.139.069	10,56	7,14	100,03
5.Automóveis de passageiros	2.675.891.324	1.773.006.776	3,04	2,41	50,92
Argentina	1.849.423.883	1.363.821.429	69,11	76,92	35,61
México	213.615.625	136.924.190	7,98	7,72	56,01
Chile	130.149.284	29.129.538	4,86	1,64	346,79
6.Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	2.610.235.998	2.350.072.894	2,97	3,20	11,07
Arábia Saudita	483.006.735	455.331.775	18,50	19,38	6,08
Japão	343.257.334	308.126.171	13,15	13,11	11,40
China	309.273.115	345.800.755	11,85	14,71	-10,56
7.Celulose	2.391.940.901	2.297.987.647	2,72	3,13	4,09
China	1.033.560.106	808.791.915	43,21	35,20	27,79
Estados Unidos	333.523.397	347.404.544	13,94	15,12	-4,00
Países Baixos (Holanda)	259.780.629	358.007.900	10,86	15,58	-27,44
8.Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	2.248.699.951	2.286.570.817	2,56	3,11	-1,66
Países Baixos (Holanda)	506.324.592	520.178.289	22,52	22,75	-2,66
Tailândia	312.068.665	257.397.409	13,88	11,26	21,24
Indonésia	262.312.885	246.197.417	11,67	10,77	6,55
9.Café cru em grão	1.989.940.382	1.806.433.693	2,26	2,46	10,16
Alemanha	379.493.602	345.697.849	19,07	19,14	9,78
Estados Unidos	376.266.188	328.639.418	18,91	18,19	14,49
Itália	226.733.153	189.008.660	11,39	10,46	19,96
10.Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	1.755.062.061	1.841.125.399	2,00	2,50	-4,67
China	333.350.368	297.922.033	18,99	16,18	11,89
Hong Kong	316.067.192	338.370.252	18,01	18,38	-6,59
Rússia	190.609.347	136.732.567	10,86	7,43	39,40

Fonte: Ministério do Comércio Exterior

Elaboração: Dieese- FTM/RS-CUT

O Rio Grande do Sul, por sua vez, no acumulado de janeiro a maio, comparando com o mesmo período do ano anterior, apresentou variação positiva de 12,11% nas exportações e aumentou em 20% as importações, acumulando um saldo na balança comercial de R\$3,021 bilhões, permanecendo 4% acima do mesmo período do ano anterior. As exportações gaúchas apresentaram crescimento principalmente dentre os produtos industrializados, que cresceram 15,1% no período, os bens básicos, apresentaram crescimento de 9,2% no período. Dentre os produtos industrializados,

os manufaturados foram responsáveis pelo crescimento das exportações, que cresceram 22,2%, já os semimanufaturados apresentaram queda de 9,1% (TABELA 8).

TABELA 8
Exportações por fator agregado, Rio Grande do Sul, jan-mai 2016/2017

Ano/Mês		2016	2017	Var. 2017/2016
TOTAL	US\$ FOB	5.896.870.248	6.611.141.009	12,11%
Básicos	US\$ FOB	2.949.549.569	3.219.770.440	9,16%
Participação Bens Básicos		50%	49%	-2,63%
Semimanufaturados	US\$ FOB (A)	656.109.555	596.455.162	-9,09%
Participação Semimanufaturados		11%	9%	-18,91%
Manufaturados	US\$ FOB (B)	2.247.012.333	2.745.189.428	22,17%
Participação Manufaturados		38%	42%	8,97%
Industrializados	US\$ FOB (A) + (B)	2.903.121.888	3.341.644.590	15,11%
Participação Industrializados		49%	51%	2,67%
Operações Especiais	US\$ FOB	44.198.791	49.725.979	12,51%
Participação Operações Especiais		0,7%	0,7%	0,00%

Fonte: Ministério do Comércio Exterior
Elaboração: Dieese- FTM/RS-CUT

Os principais produtos exportados pelo estado gaúcho foram “soja, mesmo triturada, exceto para semeadura”, que corresponde a 24,67% das exportações do Estado, e apresentou crescimento de 33,28% acima do apresentado no mesmo período do ano anterior. O segundo principal produto exportado foi “automóveis c/ motor para explosão”, participando com 3,81% do total das exportações e apresentou crescimento robusto de 122,51% no total das exportações gaúchas. Os principais países que importaram do estado foram a China, que representa 27,68% das exportações, com crescimento de 43,34%, seguido da Argentina, que corresponde a 10,39% das exportações e apresentou uma variação positiva de 43,27%, os Estados Unidos são o terceiro principal país exportador do Estado, com uma participação de 7,53% e crescimento de 4,28% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os resultados das contas externas do Brasil e Rio Grande do Sul apontam que o crescimento econômico recente ocorreu via mercado externo, principalmente pelas exportações de produtos básicos, como a soja, mas também de produtos industrializados com maior valor agregado como os

automóveis. Essa conjuntura, no entanto, só se torna sustentável se for acompanhada por uma política industrial que vise a criação e manutenção de empregos em setores dinâmicos.

ANEXO 1

DESEMPENHO POR CLASSE ATIVIDADE – MACROSETOR – BRASIL

Ramo/Divisão	Abr. 2017/ Abr 2016	Abr. 2017/Mar. 2017	Varição acumulada do ano
Alimentação			
Fabricação de Bebidas	-9,1	-1,1	-0,7
Fabricação de Produtos Alimentícios	-16,4	-0,4	-6,2
Fabricação de produtos do Fumo	1,8	-3,5	1
Construção civil e madeira			
Fabricação de móveis	-10,3	8,8	-7
Preparação de produtos de madeira	-5	-1,5	-0,9
Metalúrgico			
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	9,8	6,7	17,7
Fabricação de máquinas e equipamentos	-3,2	4,9	0,8
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-18,5	-3,1	-8,1
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-10,1	-0,9	-9,5
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-2,8	1	-2,3
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	1,2	3,4	8,9
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	8,1	-	5,4
Metalurgia	7,5	0,9	3,5
Químico			
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	0,9	0,4	1,3
Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis	-7,8	2	-9,1
Fabricação de minerais não-metálicos	-6,6	-0,1	-3,3
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-2,3	2,2	1,4
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-13,9	19,8	-15
Fabricação de produtos químicos	-1,4	0,45	-1
Vestuário			
Confecção de artigos de vestuário e acessórios	-1,7	-0,1	5,5
Fabricação de produtos têxteis	-0,9	1,6	4,2
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-3,8	-0,5	1,5

Escritório Regional Rio Grande do Sul

DIREÇÃO SINDICAL

Maria Helena Oliveira
SEMAPI

Valdir Santos de Lima
SE Comércio de Porto Alegre

José Antônio Guimarães de Fraga
STI Gráficas de Porto Alegre

Carlos Eduardo Neumann Passos
STI Purificação e Distribuição de Água no RS

Gaspar de Mello Nehering
STI Calçados e Vestuário de Parobé

Gerci Perrone Fernandes
STI da Construção Civil de Porto Alegre

Luiz Fernando Lemos
Federação dos Empregados do Comércio de Bens e Serviços

Jairo dos Santos Carneiro
FTI Metalúrgicas do RS

SUPERVISÃO TÉCNICA

Ricardo Franzoi

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL

Cristina Pereira Vieceli

Federação dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul – FTM/RS-CUT

Jairo Santos Silva Carneiro
Presidente

Enio Louvir Dutra dos Santos
Vice-Presidente

Flávio Fontoura de Souza
Secretário Administrativo

Paulo Chitolina
Secretário de Formação e Política Sindical

Milton Luis Leorato Viário
Secretário de Imprensa e Divulgação

Ademir Acosta Bueno
Secretário de Finanças